

O FIO DA TRAMA

Três países,
uma guerra
e a história
de superação
de quatro
mulheres

Alessandra e
Consuelo Blocker
com a participação de
Costanza Pascolato

TORDESILHAS

A black and white photograph showing the spines of several old, thick books. The books are bound with dark leather bands that wrap around the spines. The pages are aged and yellowed, creating a textured, layered appearance. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the leather and the edges of the pages.

O FIO
DA
TRAMA

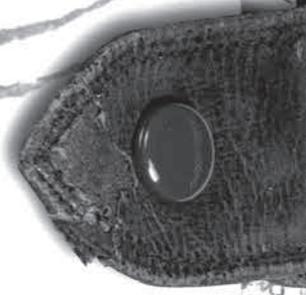




The background of the page is a light, textured surface, possibly paper or fabric, featuring a repeating pattern of dark, stylized fleur-de-lis symbols and wavy, horizontal lines. The fleur-de-lis symbols are positioned in the upper and lower quadrants, while the wavy lines are interspersed between them, creating a classic, elegant decorative scheme.

Alessandra e
Consuelo Blocker

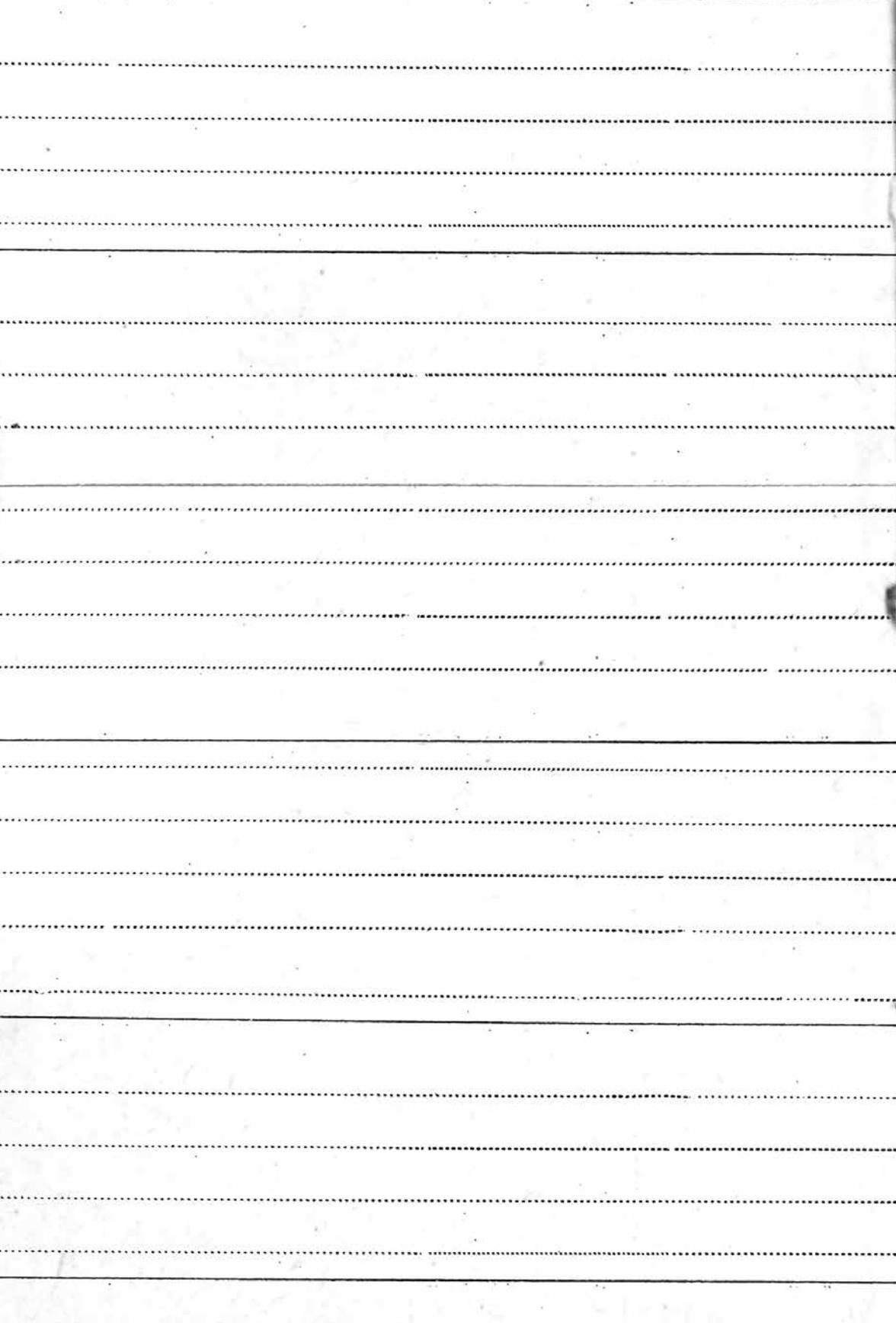
com a participação de
Costanza Pascolato



O FIO DA TRAMA

Três países,
uma guerra
e a história
de superação
de quatro
mulheres

TORBSILHAS



Às gerações que se foram e às futuras.

Alessandra

Esta é uma história que conta o passado,
mas dedico o livro ao meu maior presente: Cosimo e Allegra!

Sem eles não me entendo por gente.

Adorati, mio cuore è vostro, andate a scrivere la vostra storia!

Consuelo





TESTAMENTO

O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros - perdi-os..
Tive amores - esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.
Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei.
Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas traço dentro do peito
Meu filho que não nasceu.
Criou-me, desde eu menino.
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!
Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei!*

* Manuel Bandeira. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar, 1967, p. 308-309.

Alessandra

Gabriella Pascolato morreu no dia 22 de agosto de 2010. Eu estava em Tiradentes com minha família – Carlos, meu marido, e seus dois filhos adolescentes – promovendo um evento de trabalho quando recebi, já bastante tarde da noite, o telefonema de minha mãe. O enterro seria no dia seguinte, às 13 horas, sem atraso. Tiramos os meninos da cama de madrugada e saímos, antes mesmo de o hotel servir o café, para enfrentarmos as mais de seis horas de estrada até São Paulo.

Não chorei durante a viagem. Na verdade, não tinha vertido uma lágrima desde que recebera a notícia. Sentada, quieta, no banco do passageiro, tentava segurar uma tristeza que, de tão grande, parecia que me faria explodir se eu a permitisse.

Via passarem placas marcando os quilômetros e procurava não contemplar a possibilidade de chegarmos tarde demais para me despedir da Nonna. Em vez disso, me lembrava de tudo o que ela e o Nonno tinham feito por mim e por minha irmã para dar mais estabilidade à nossa infância conturbada. Pensava em quem ela foi, no que conquistou, em sua história que, de tão fantástica, às vezes acreditávamos ser inventada.

Mas nossa existência não era a prova de que tudo fora verdade? Ou será que houve um certo exagero? Será mesmo que foi ela, sozinha, a trazer a família para o Brasil? Enquanto o carro avançava, essa indagação, fonte constante de brincadeiras entre nós, começou a tomar conta de meu imaginário. Quanto daquelas histórias que eu ouvi milhares de vezes era verdade? Será que ela tinha sido tão amiga assim do Ferragamo? E o Proficiency, tinha passado mesmo com a maior nota da classe?

Meu fluxo de consciência foi interrompido pelo telefonema de minha mãe.

— Filhinha, o pessoal do velório disse que não podemos atrasar mais. O padre vai rezar a missa daqui a 20 minutos e depois a gente sai para o enterro.

— Segundo o Waze a gente chega em 20 minutos exatos. Será que ele não pode esperar nem cinco?!

— Parece que não.

Por sorte (e um certo chumbo no pé do meu marido), chegamos a tempo. Ao me despedir, abraçada com minha mãe, finalmente consegui chorar.

Algumas semanas depois, ainda obcecada por aquelas indagações, perguntei à Mummy onde estavam os diários que a Nonna havia mantido por anos durante sua adolescência e vida adulta.

— Estão na casa dela. Eu vou ter que limpar tudo o que tá lá. Deixa eu me organizar. Quando tiver tempo, mando pra você.

Conforme prometido, depois de algumas semanas, chegaram em minha casa numa sacola de papel de grife. Dentro, cinco volumes do mesmo tamanho embalados em plástico transparente, marca registrada de Dona Gabriella. Desde que me conheço por gente, me lembro do apartamento da minha avó em Higienópolis com armários repletos de história; objetos antigos de maior ou menor valor, embalados em sacos de plástico transparente comprados a granel no Makro. Ela se orgulhava da economia que a loja de atacado significava para suas despesas domésticas. Na época, o Makro só atendia pessoas jurídicas e Nonna, sempre pragmática, lançava mão do cartão da Santaconstancia para também comprar produtos para a casa.

Com seus diários não era diferente. Os livros pequenos, de capa dura, uns encadernados em tecido vermelho, outros em couro ou papel estampados à mão, vinham com fechos e cadeados que, havia muito, não guardavam mais segredos. Ou assim eu acreditava. As páginas pautadas, manchadas pelo tempo, continham uma forma de registro chamada *One line a day*. Cada página dedicada a um dia do mês, mas separada em cinco anos diferentes. Um parágrafo para cada um. Seis livros, 30 anos. A caligrafia a caneta-tinteiro em cores que

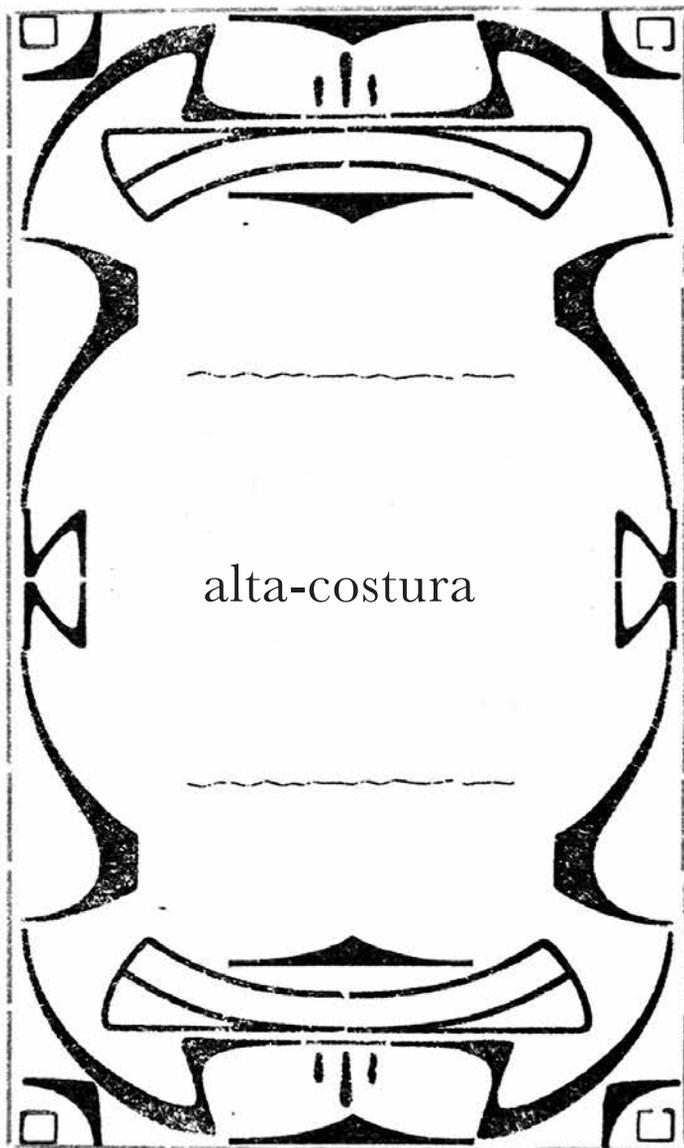
variavam do preto ao azul-claro, dependendo da época, transbordava o espaço delimitado, ocupando as margens na tentativa de narrar com maior precisão a trajetória de uma jovem muito além de seu tempo.

One line a day, uma linha por dia. Eu não podia deixar de enxergar poesia naquele nome. Parecia feito sob medida para uma história tão complexa e elegante que lembrava os tecidos feitos por Dona Gabriella. Sua vida foi como os *jacquards* de seda pura que fizeram dela uma lenda no mundo da moda. Milhares de linhas de cores diversas se cruzando para formar padrões intrincados, desenhos únicos. Um fio fora do lugar mudaria tudo: distorceria a cor, quebraria a proporção, interferiria no todo. E agora, que estava terminada, seria tentador enxergá-la como quem vê o tecido pronto na mão e pensa que “caiu do céu”. Mas eu sabia que não tinha sido assim e queria entender o que fora preciso para aquilo acontecer, para as coisas “caírem do céu”; os anos de estudo, as horas de planejamento e uma determinação inabalável. Isso sem falar nos fios perdidos, nas máquinas enguiçadas, nos milhares de problemas que poderiam ter parado qualquer outra pessoa, menos a minha avó.

Eu abria o primeiro volume com uma reverência e cuidado exagerados, como se estivesse diante de um artefato sagrado, milenar. Talvez pela riqueza de conteúdo ou por me dar conta das proporções mastodônticas da tarefa à frente. Decidi que o único jeito de entender alguma coisa seria fotografar página por página com meu celular, passar tudo para o computador, ampliar a imagem, transcrever e traduzir do italiano as partes que considerava mais importantes.

Para minha surpresa, à medida que progredia, fui descobrindo uma pessoa que não conhecia. Numa estranha dobra no tempo, eu, com quase 50 anos, me apaixonei pela moça de 18 que um dia se tornaria a Nonna que eu tanto amava. Era a mesma Gabriella e, ao mesmo tempo, não era. Eu, o produto de toda aquela vida, sabia o final da história. Mesmo assim, não conseguia me controlar e segurava a respiração nos momentos mais tensos como se estivesse lendo um livro de suspense, me alegrava com as realizações, chorava com as perdas e ficava com o coração apertado diante de seu sofrimento. A tal ponto que, numa inversão de papéis, me vinha a vontade de entender a mão através das páginas e dizer a ela que tudo ia dar certo.





alta-costura

na no part... casa bene - A rev. trovato 1 bella lettera di ...

1940 Venerdì. Schiata ... alle 3/4 - Pappalino, ...
festa alle 11, erano tutti partiti, poi prima per Firenze. ...
per telefono cambiata, visto posta, mandato, a di me - Costanzo ...
ha messo fuori l'altro dentino - A Firenze alle 3. Giampetelli, ...

1941 Sabato. Bagno - Kuntà ... alle 12. Telef. ...
ancora delite, forse domani viene. Colazione, poi rifareto insieme
a spiaggia. Thè, venuti anche i scarpe, poi le serini. ...
piccolo, foto, amici in Costanzo con una fialetta di ...
a fare il accompagnato ... di interessere ...

1942 Domenica. Tricini messe, con Costanzo delle 10 in poi fuori passagg.
Poi letto, stitico con ... Dalle 6 alle 8 con ...
Barisano. Continuano a mettersi alle 8 arrivati Pepò dall'alta Italia.
... alle 12. Dopo una letto Pirandello fino alle 11 1/2

1943 Lunedì. Sto bene. Levata tardi un momento da ...
... con ... poi fuori 7 1/2 raggiunto lui all'Excelsior, poi al supermercato,
... di ... con. Tornati alle 9 1/2. A letto all'una, alle 3 allarme
... Alessandro aveva unitato, che i soldati ...
... tutta notte, dopo era calmo -

1944 Martedì. Tutti con ... alle 8 telef. ...
... per la giornata, voleva parlare Partito in fatto. ...
il giorno. Lavorato sempre in casa con i parmi. ...
... di ... in bagno dei bambini, e nel pomeriggio ...
... partito un giornale repubblicano, con un ...
... di ... dopo una
... di ... non era molto entusiasta, l'articolo ...
... alla Luisa, come moglie di ...

1.

Gabriella

10 de abril de 1945

Eu passei o dia terminando o que sobrou de nossas bagagens pessoais e fechando a casa. Estava emocionadíssima. Finalmente tinha chegado a hora pela qual ansiamos e trabalhamos tanto. Foi a primeira vez em muito tempo que me senti otimista em relação a nosso futuro. Estudamos todos os pormenores. Não conseguimos o visto de Miki, verdade, mas tínhamos uma carta do cônsul suíço atestando a boa índole de meu marido. Se por acaso fôssemos pegos na fronteira, poderíamos usá-la como uma última cartada, desculpe-me o trocadilho.

Miki carregava uma tristeza tão profunda que parecia privá-lo do pleno controle de suas faculdades. Repetia as mesmas coisas várias vezes e até se irritou com Costanza sem motivo aparente. Nada disso é de seu feitio, sempre tão bem-humorado, prestativo e atento a tudo e a todos. Coitada, só tem cinco anos, ficou assustada, sem entender por que o pai estava naquele estado.

De manhã ele foi a Como para cuidar dos últimos detalhes da partida para a Suíça. Em seguida, veio buscar a Blanche a fim de levá-la à estação. Às três da tarde, ela pegou o ônibus, para atravessar a fronteira com o grosso das malas e se instalar na casa do Tarchini, um advogado judeu amigo nosso que, a conselho de Miki

e com nossa ajuda, saiu da Itália logo antes da invasão nazista. Agora, em retribuição, ele nos dará abrigo enquanto não regularizarmos a papelada de imigração.

Cidadã suíça, nossa esperança é que Blanche tenha passado pela polícia sem maiores problemas. Para nós, será muito mais difícil. Nestes últimos tempos de guerra, a vigilância está extremamente rigorosa com italianos saindo do país. Teremos que atravessar clandestinamente, de noite, com a ajuda de um guia que conhece bem as trilhas do Parque Spina Verde, o bosque nas montanhas entre Como, na Itália, e Chiasso, na Suíça. Depois de levar Blanche, Miki voltou para casa e ficou rondando de lá para cá sem saber o que fazer, até que no final do dia saímos todos, nós dois e as crianças.

Tomamos uma sopa na casa de nossos amigos, os Colombo. Deveríamos ter saído às oito para o ponto de encontro, mas atrasamos devido a um alarme antibombas. Assim que pôde, Colombo nos deixou no lugar marcado na entrada do Parque Spina Verde e foi embora. Para nossa angústia, o guia disse que estava tarde demais. Além dos guardas que rondavam a fronteira, a trilha era complicada e o terreno muito irregular. Não podia estar escuro a ponto de não conseguirmos enxergar o chão, nem claro o suficiente para sermos vistos. Usar lanternas estava fora de questão. Tínhamos perdido a pequena janela de tempo para atravessar.

Era uma noite sem lua, mal enxergávamos uns aos outros. Eu olhei para onde estava meu marido e, mesmo não conseguindo ver direito, reparei que havia algo de errado. Ele parecia irrequieto. Do nada, decidiu:

— Nós vamos!

E se embrenhou floresta adentro com Alessandro no colo. Eu queria gritar para que ele parasse, mas não podia. O guia ficou paralisado. Eu segurava Costanza com uma mão para impedi-la de correr atrás do pai e tapava sua boca com a outra. Ao nosso redor, as malas e um breu absoluto. Só ouvia meu filho berrando desesperado. De repente, um barulho surdo e um gemido. Miki não tinha andado nem 100 metros quando escorregou, caiu e machucou a perna.

Por fim, fomos para o vilarejo mais próximo onde nosso guia conseguiu um quarto pequeno, úmido, com uma cama estreita. Nos

refugiamos ali durante a noite e o dia seguinte. Precisávamos ficar em silêncio absoluto, não podíamos arriscar sermos pegos pelos soldados alemães. Mas como permanecer quietos durante 24 horas com uma menina de cinco anos e um bebê com febre e infecção no ouvido? Miki sussurrava histórias e fazia brincadeiras para distrair Costanza. Ele não reclamava, mas eu via sua expressão de dor toda vez que tentava mexer a perna, ou talvez fosse de profunda tristeza e humilhação por ver seu mundo desmoronando. Ainda não descobri. Só sei que foi um martírio.

11 de abril de 1945

O guia apareceu na nossa porta e partimos a pé. Não fazia frio nem calor e a noite estava clara, o céu completamente estrelado, o que não era bom, pois nos deixava mais vulneráveis, visíveis para os aviões que sobrevoavam o bosque com holofotes. O seguíamos pela trilha em direção à Suíça. Ele carregava a minha mala enquanto Miki, que continuava com muita dor na perna, segurava Costanza com uma mão e a bagagem das crianças com a outra. Eu levava Alex e a mala de Miki. Coitadinho do meu filho, seu sofrimento era palpável e, pior, extremamente audível. Berrava tanto que tive que amordaçá-lo com um lenço de meu marido. Mas foi inútil. Caminhávamos devagar, sempre atrás do guia, e, embora a noite estivesse cada vez mais escura, nossas vistas foram se acostumando e nos mantínhamos juntos.

Não faço ideia de quanto tempo caminhamos. Já com quase dois anos meu filho virava chumbo nos meus braços. Quanto mais forte eu o segurava, mais ele se debatia. Cada movimento, cada gemido eram uma punhalada no meu peito, mas sempre fui uma pessoa prática. Se algo precisa ser feito, eu faço. E assim segui adiante até que comecei a avistar um pequeno brilho por entre as folhas. Meu coração congelou. Seriam estrelas ou lanternas da guarda de fronteira? À medida que avançávamos, a quantidade de luzes aumentava e reparei que elas eram grandes demais para serem estrelas e muito pequenas e numerosas para eu acreditar que fossem lanternas. Me dei conta de que nos aproximávamos do perímetro urbano. Na excitação de chegar logo, aceleramos o passo.

Terminando a trilha, iríamos até a estrada onde um caminhão nos aguardava. Segundo o guia, faltavam apenas cinco minutos. As árvores estavam rareando. A essa altura, andávamos agachados atrás de arbustos para não sermos vistos. Eu começava a sentir o gostinho da liberdade quando ouvi um grito:

— Alto!

Na minha memória, tudo ocorreu em câmera lenta e acelerada, simultaneamente. Físicos poderiam montar teorias sobre a elasticidade do tempo baseados na experiência que tive naquela fração de segundo. Me virei na direção de onde veio o comando e não vi nada. Me volvei para perguntar ao guia o que estava acontecendo, mas no lugar onde ele havia estado só restava minha mala, caída no chão. Baixei a vista e quando a levantei novamente estávamos cercados por meia dúzia de guardas. Nunca vou entender de onde apareceram. Foi como se tivessem se materializado do nada.

Fomos escoltados até a sede da polícia de fronteira. Miki entregou os documentos e a carta do cônsul. Ficamos lá durante o que pareciam ser horas, enquanto os oficiais examinavam nossos papéis, conversavam entre si e nos olhavam de soslaio. Finalmente disseram que teriam de telefonar para Berna, o que eles só conseguiriam fazer na manhã seguinte. Queriam nos escoltar até Chiasso, a cidade onde sonhávamos chegar naquela noite, sob circunstâncias totalmente diferentes. Lá nos poriam sob custódia até vir a liberação de Berna, mas meu marido se recusou a ir com medo de ser preso. Se ele fosse entregue à polícia nazifacista por tentar fugir do país, seria julgado por deserção e talvez executado. A opção foi dormir num monte de feno, ao relento, no lado italiano da fronteira.

Estranhamente, naquela noite, no feno, dormimos o sono dos deuses. Acordamos revigorados e, às cinco da manhã seguinte, entramos novamente no quartel da polícia de fronteira. Miki ligou para Berna, que recusou seu pedido de passagem. Caso ele não voltasse imediatamente, todos nós seríamos extraditados. Foi terrível. Nos despedimos às pressas, sem choro, sem drama, apenas com uma profunda melancolia, que se prolongou enquanto eu, rodeada de malas, segurando Alessandro no colo e Costanza pela mão, olhava

incrédula meu marido ser escoltado para sabia Deus onde. Ele não merecia aquilo que estava acontecendo.

Eu e as crianças fomos levadas de carro para um campo de refugiados onde íamos passar a quarentena.

2.

12 de abril de 1945

Cheguei ao Asilo Bel Giardino sem poder sequer perguntar o que estava acontecendo com Miki. Eu e as crianças tivemos que passar por uma assepsia, como se fôssemos indigentes imundos, sempre vigiados por enfermeiras extremamente ríspidas. Já desinfetados, fomos submetidos a um exame médico, de novo sendo muito maltratados e, por fim, fui separada dos meus filhos – que estavam sem comer – e interrogada pela polícia durante horas. Só de imaginar que minha vida seria assim daquele momento em diante, fiquei desesperada. Mas respirei fundo e, como de costume, meu lado prático falou mais alto. Calculei que, com o tempo, me conhecendo melhor, a antipatia e hostilidade desapareceriam. O que me doía mais era pensar que as calúnias proferidas contra meu marido pelos policiais durante o interrogatório também teriam sido revistas caso eles tivessem tido a chance de conhecê-lo. Mas isso, é claro, não seria possível, pois, até onde eu sabia, ele estava trancado em alguma prisão da República de Saló, no norte da Itália.

Pelas próximas semanas, eu e meus filhos teremos que ficar confinados em um dos campos feitos para abrigar a quantidade enorme de pessoas – judeus, militares desertores, exilados políticos – que foge para a Suíça diariamente. Daqui será possível buscar um

visto de permanência ou de passagem para outro país. São prédios de escolas, jardins de infância (como era nosso caso), hotéis adaptados para servirem como campos de refugiados. Dirigidos pelos militares, são organizados seguindo uma mesma ordem. Quando possível, os dormitórios femininos e masculinos ficam em andares diferentes. O nosso está no segundo, em uma sala comprida com camas de ferro pintadas de branco meticulosamente enfileiradas. Há samaritanas da Cruz Vermelha para nos acomodar, enfermeiras e médicos para cuidar de emergências, fazer a desinfecção e exames. Os serviços cotidianos como limpeza, cozinha etc. são feitos por nós, imigrantes.

13 de abril de 1945

O trabalho é monótono. Tenho descascado batatas na cozinha, mas parece que, em breve, serei transferida para a horta para cuidar dos tomates. Acho que vai ser melhor. Durante o dia, as samaritanas cuidam das crianças e, a partir do final da tarde, eu fico com elas no dormitório feminino. Alessandro chora sempre com dor no ouvido, sem parar. Seus berros ecoam pelas paredes ascéticas do alojamento. Eu o seguro no colo a noite toda na tentativa de acalmá-lo, mas nada adianta. Sem dormir, eu choro de desespero e de puro cansaço. Isso desperta a compaixão de algumas das minhas colegas de quarto e a antipatia de outras. As enfermeiras tentam curá-lo com azeite quente e compressas, mas está muito claro que meu filho precisa de tratamento médico.

14 de abril de 1945

Levaram Alessandro para Lugano. Me apertou o coração ver meu filho sendo carregado, sozinho, para outra cidade, para um hospital desconhecido, mas foi a única solução. Ele sofria tanto e a enfermagem não estava dando conta. Por sorte, ontem ao anoitecer eu me encontrei com o Tarchini no portão do asilo. Em teoria, a quarentena não nos permite ter contato com ninguém

de fora, mas, durante os anos que viveu em Chiasso, o Tarchini conquistou bastante influência local e, uma vez por semana, vem me ver por entre as grades de ferro que nos separam do resto do mundo. Pedi que se ocupasse do meu filho, e ele imediatamente me garantiu que enviaria a Blanche para ficar com Alessandro no hospital em Lugano.

Se tem uma coisa maravilhosa na minha vida e na de Miki é que, mesmo nos piores momentos, sempre podemos contar com o apoio dos amigos. Embora eu saiba que devemos muito disso à sorte, também gosto de atribuir essa bênção à nossa boa vontade em ajudar os outros todas as vezes que a oportunidade se apresenta.

Acho que as samaritanas ficaram com pena de mim, pois, de noite, consegui algo muito especial: um balde de água quente para lavar Costanza. Nós temos direito de tomar banho uma vez por semana, às quartas-feiras. O resto do tempo, fazemos o que podemos. Aquele balde era um privilégio único. Eu enxaguava o cabelo de minha filha quando uma das enfermeiras veio me avisar que Alex estava bem. Havia feito uma punção em seu ouvido esquerdo, agora passava muito melhor e dormia com a Blanche, na casa de amigos do Tarchini em Lugano. Que alívio!

15 de abril de 1945

Acordei com o toque de despertar. Sem a constante preocupação com Alessandro, consegui a primeira noite de sono desde que chegamos à Suíça. Tive a sensação de estar renascendo.

Costanza e eu fomos à missa. Depois, finalmente, consegui organizar nossas coisas no pequeno espaço que tinham nos cedido no longo armário em uma das paredes do dormitório feminino. Quando terminei, fui ver o médico, pois ainda me sinto muito fraca. Ele disse que meu problema são os nervos, mas, por causa da escassez de tranquilizantes, prescreveu injeções de cálcio endovenoso, que devem me dar um pouco mais de energia. Tomei a primeira dose com a certeza de que, enquanto não souber que meu marido está bem, não vou conseguir me acalmar.

21 de abril de 1945

O asilo abriga gente de todo tipo. Tem judeus da Europa inteira, é claro, um indiano anti-inglês muito simpático, que me lê a mão e as cartas, e uns hussardos sujos e barulhentos. É claro que minha filha se encantou com eles. Costanza os acha divertidíssimos e, mesmo que eu peça a ela que não fique com eles, basta me distrair um pouco que lá está, dançando ao som das canções eslavas. Tenho medo de que ela pegue piolhos, fico imaginando a dificuldade que será me livrar dos pequenos parasitas com o racionamento de água e a falta de acesso a medicamentos!

Como previ, hoje encontrei nela um único piolho enorme! Sem remédio para tratá-la, encharquei uma toalha com água-de-colônia e embrulhei sua cabeça. Se tiver sorte, ficará só nisso.

A maior parte dos refugiados é italiana. Entre eles, um senhor de mais idade, que conheceu Mussolini quando jovem. Gosto de me sentar ao lado dele durante o jantar para ouvir suas histórias. Também tem o maestro Fontana, um empresário musical que representara alguns dos maiores artistas da Europa, e, por fim, comunistas da resistência italiana que fugiram da perseguição nazifascista.

Procuo me dar bem com todos, tentando não chamar a atenção para quem eu sou, mas ontem um dos comunistas, ao ouvir meu nome, veio tirar satisfações:

— A senhora é o quê do Pascolato que foi *federale* de Veneza?

— É meu marido – respondi gentilmente, já antecipando que isso me causaria problemas.

Ele fez um escândalo, queria chamar o coronel responsável para me extraditar para a Itália, pois “não pode haver refúgio para fascistas”.

— Todos merecem a cadeia, inclusive as crianças! – esbravejava apontando para minha filha, que olhava assustada para ele.

Eu me mantive calma, tentei argumentar que ele não conhecia a minha história. Não tinha ideia da pessoa íntegra que era meu marido, de tudo o que ele fez para evitar a aliança da Itália com a Alemanha. Não sabia o quanto arriscamos para proteger nossos amigos judeus, nem as dificuldades pelas quais passamos. Mas, graças a

Deus, com exceção da meia dúzia de partidários da resistência que gritavam palavras de ordem em minha direção, todos ali me defenderam e apoiaram.

Com tanta gente diferente, numa situação tensa, *sui generis* mesmo, é natural que haja desavenças. Eu tenho um talento especial para a diplomacia e, sempre que posso, procuro ajudar as pessoas a se entenderem melhor. Com isso, venho conquistando a amizade de meus companheiros de asilo, o que acabou pesando a meu favor naquele momento.

Depois que terminou o rebuliço, fui me deitar. Procuro ser forte, especialmente por causa de minha filha, mas ontem à noite não aguentei. Esperei Costanza dormir e comecei a chorar, chorar, chorar. Só parei quando adormeci.

Nossa família toda separada, a situação de meu marido uma incógnita, eu realmente não sei o que fazer para nos ajudar. Não tenho nem ideia por onde começo. A única coisa que sei é que não mereço ser agredida dessa maneira. E o pior é que ainda faltam dez dias para terminar a quarentena, o que me parece uma eternidade.

Só uma vez na vida senti uma angústia e claustrofobia tão grandes quanto as que sinto aqui no campo de refugiados. Há mais de 20 anos, no internato em Tortona.

3.

Setembro de 1923

Quando entrei na idade de ir à escola, Mamãe resolveu manter a tradição da família e me pôr no mesmo internato onde ela estudou, o Sacré-Coeur em Tortona, no Piemonte. Eu odiava tanto aquele lugar! Estava todo errado para mim. Como eram sujos! Eu

me sentava no refeitório gelado, um silêncio. Não podíamos conversar, rir, brincar. Não existia espaço para expressarmos nossas ideias. Era tudo muito impessoal. Tínhamos que olhar para a frente e comer. O cheiro daquele prato rançoso me dava enjoo. Passavam um pano, depois outro e só, sem sabão, sem nada. Eu, que herdara a mania de limpeza de minha mãe, me recusava a comer e adoeci. Ao sinal de um princípio de pneumonia, Mamãe, desesperada, me tirou do colégio e decidiu que não ia mais me pôr em escola alguma.

Ela contratou tutores para me ensinarem em casa. Mas o que não percebeu foi que o problema não era o fato de eu estar num internato. Além da sujeira, eu também não suportava a rigidez, a mentalidade retrógrada do colégio de freiras, que agora eu comparava com a austeridade dos suíços do campo de refugiados. Passei os cinco anos seguintes recebendo aulas particulares e viajando para lá e para cá com meus pais enquanto eles cuidavam das propriedades da família.

Meu pai, homem de negócios habilidoso, tinha fazendas espalhadas por todo o país, desde o Piemonte, onde eu nasci, até Siena, onde mais tarde eu teria meus filhos. Por isso, tanto ele quanto minha mãe, que o ajudava, viajavam muito e, por vezes, nos levavam com eles. Eu tinha um irmão mais novo, Nino, e um 14 anos mais velho, Ugo. Este último era filho da primeira mulher de meu pai, que morreu quando Ugo ainda era menino.

Minha vida passou do extremo da rigidez do internato a uma liberdade absurda para uma criança. Até gostava da vida do campo, de passear pela fazenda de charrete com Papai, de conversar com os camponeses, olhar as plantações, mas, para mim, o importante sempre foi a educação. Com tanta viagem, sentia que não estava aprendendo o suficiente, então uma hora bati o pé:

— Chega dessa vida cigana! Eu quero estudar. Vocês precisam me pôr num colégio interno, não posso mais ficar viajando assim, não consigo me concentrar!

— Mas você já frequentou um colégio, não gostava de lá. Quase morreu... – disse minha mãe.

— Aquele lugar era horrível! Não é possível que todas as escolas sejam assim! O Nino é só uma criança e já está numa boa escola

em Fiesole, ele gosta de lá. Por que eu, que sou quatro anos mais velha, não posso encontrar um lugar bom?

— É diferente, o seu irmão é homem, ele vai precisar dos estudos quando for adulto.

— E eu não? Eu também preciso conquistar minha independência.

Mamãe morreu de rir de mim tentando me afirmar aos 11 anos. Hoje em dia eu entendo a graça que ela viu naquela cena, mas na época fiquei com uma raiva!

Aquele não foi o primeiro nem seria o último desentendimento entre nós duas, com vozes e espíritos exaltados, lágrimas e portas batidas. Ela não entendia por que me empenhava tanto nos meus estudos, achava que eu tinha que me dedicar a coisas mais femininas como costurar, cozinhar, cuidar da casa. Irônica, perguntava:

— Mas que vida independente é essa que você quer?

E eu, muda de ódio e frustração, só conseguia chorar.

Sim, é verdade que ainda era jovem demais para conseguir pôr em palavras o que sentia, mas isso não queria dizer que já não tivesse muito claro na minha cabeça o que eu achava bom para mim. Pensava na minha tia Nena, em como a vida dela era tudo o que eu não queria. Linda! Os cabelos longos, lisos, pretos, pretos, sempre presos num coque, o corpo comprido, delgado e os olhos verdes, tão melancólicos quanto profundos. Ela morava com seus pais por nunca ter se casado. Sua ocupação era cuidar da mãe doente e, quando os pais morreram, não teve para onde ir. Foi viver com a irmã, minha mãe. Muitos anos antes, Nena teve um amor. Um rapaz de boa família, mas saúde fraca. Meu avô, do alto da autoridade dos patriarcas daquela época, proibiu o romance com medo de que ela se tornasse viúva logo após o casamento. Moral da história: ele se casou com outra e teve uma vida longa e feliz. E minha tia mergulhou na sua própria frustração, numa vida solitária...

Eu também pensava na minha mãe, a boa e dedicada samaritana, sempre atenta às menores necessidades dos outros. Ela poderia ter estudado para se tornar médica, ido atrás de seu sonho, ganhado dinheiro, construído uma “vida independente”. Mas, naquela época, o que uma moça de boa família podia fazer senão se casar e dedicar a vida ao marido e aos filhos? Com 20 anos, ela conheceu meu pai, Alfredo.

Ele era um viúvo de meia-idade, com um filho adolescente. Às vezes me perguntava se Papai a escolhera simplesmente porque ela era de boa família e estava na idade de se casar. Na minha cabeça, amor não parecia se enquadrar naquele acordo. Nem para ele nem para minha mãe, que talvez tivesse entrado no casamento com ideais românticos, mas logo se decepcionou. As frequentes crises de nervos, descarregadas em quem estivesse pela frente, pareciam comprovar minha tese. Eu observava essas mulheres inteligentes presas a suas vidas sem alternativa e ouvia meu instinto dizendo que talvez, se estudasse, conseguiria ter um caminho diferente. Não me arrependo de ter ouvido minha intuição.

Existem qualidades que nos acompanham sempre, como amigas ou mentoras. No meu caso, é uma determinação quase obsessiva. Diante dela, meus pais não tiveram alternativa senão ceder e me procurar um bom colégio. Acho que foi uma prima de minha mãe que falou pela primeira vez do Poggio Imperiale, um excelente internato para moças em Florença. Pragmáticos, Papai e Mamãe devem ter adorado a ideia. Afinal, ficava a apenas 40 minutos de Rest, nossa fazenda na Toscana, e praticamente na mesma cidade do colégio que Nino frequentava. Pragmatismo ou não, pela sorte que me acompanha, encontrei na filosofia moderna daquele colégio o refúgio perfeito para meu caráter. Ao contrário do Sacré-Coeur, o Poggio seguia uma filosofia muito particular.

Tudo começou por volta de 1820, quando o marquês florentino Gino Capponi, um viúvo de mentalidade liberal, procurava uma boa escola para suas filhas. Embora fosse religiosíssimo, ele queria que elas tivessem uma educação secular, dissociada de tradições e dogmas cristãos. Capponi acreditava que a educação era a chave da civilização de um povo. Como não encontrou em Florença nenhuma instituição que o satisfizesse, resolveu fundar lá um colégio laico para meninas e jovens mulheres de boa família. Foi assim que nasceu o Poggio Imperiale, que ganhou esse nome por causa do magnífico palácio – uma antiga casa de veraneio dos Medici – onde está sediado desde 1865.



Gabriella, no Poggio Imperiale, aos 14 anos de idade.

Copyright © 2019 Tordesilhas Livros

Copyright © 2019 Alessandra Blocker e Consuelo Blocker

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

CAPA E ARTE Silvana Mattievich
PROJETO GRÁFICO Cesar Godoy
PREPARAÇÃO Mariana Zanini
REVISÃO Claudia Gomes, Rosi Ribeiro Melo
ASSISTENTE DE EDIÇÃO Mariana Correia Santos
EDIÇÃO Isa Pessoa

1ª edição, 2019 (3 reimpressões)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blocker, Alessandra

O fio da trama : três países, uma guerra e a história de superação de quatro mulheres / Alessandra Blocker, Consuelo Blocker ; [colaboração Costanza Pascolato]. -- São Paulo : Tordesilhas, 2019.

ISBN 978-85-8419-102-4

1. Blocker, Alessandra 2. Blocker, Consuelo 3. Depoimentos 4. Diários 5. Família Pascolato - História 6. Imigrantes - Brasil - Biografia 7. Italianos - Brasil - Biografia 8. Moda - Brasil - História 9. Pascolato, Costanza 10. Pascolato, Gabriella, 1917-2010 11. Superação - Histórias de vida I. Blocker, Consuelo. II. Pascolato, Costanza. III. Título.

19-30426

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

2020

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br



/tordesilhas

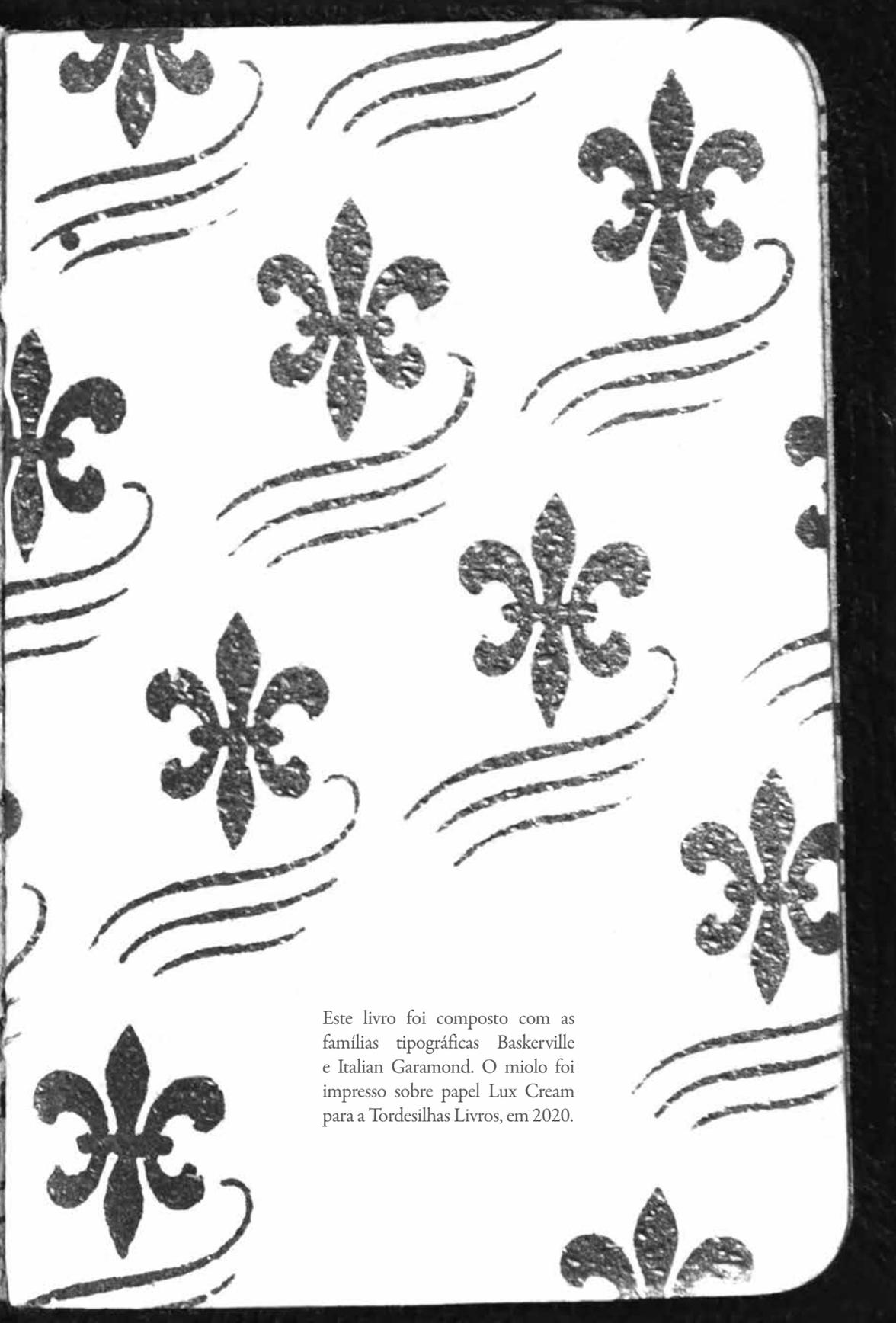


/tordesilhaslivros



/etordesilhas



The background of the page is a repeating pattern of black fleur-de-lis symbols and wavy, horizontal lines. The fleur-de-lis are stylized, with three petals and a central stem. The wavy lines consist of three parallel, slightly curved lines that flow across the page. The pattern is arranged in a grid-like fashion, with the fleur-de-lis and wavy lines alternating in a regular sequence.

Este livro foi composto com as famílias tipográficas Baskerville e Italian Garamond. O miolo foi impresso sobre papel Lux Cream para a Tordesilhas Livros, em 2020.

